

Uma nova luz sobre a história do Ocidente

Best-seller do antropólogo Joseph Henrich abala certezas.

José Eli da Veiga

“The WEIRDest people in the world” - Joseph HENRICH
Editora Farrar, Strauss and Giroux – Macmillan, R\$ 49,90 (Kindle)

O processo civilizador foi impulsionado por vetores psicológicos e institucionais que não deveriam ser tão subestimados pelos que lidam com as humanidades, a começar pelos economistas. Se têm sido tão desdenhados, com certeza é devido à correta prioridade aos fatores objetivos.

Mas esta circunstância atenuante evapora com a leitura desta contribuição do antropólogo Joe Henrich, atual chefe do departamento de biologia evolucionária humana de Harvard, depois de ter sido, por muito tempo, professor de economia e psicologia no Canadá.

Seu novo livro ***“The WEIRDest people in the world - How the West became psychologically peculiar and particularly prosperous”***, já se mostra um best-seller dos mais disruptivos, ao abalar quase todas as atuais grandes certezas sobre a marcha do que se entende por prosperidade.

O subtítulo sintetiza muito melhor o admirável conteúdo do livro: uma nova luz sobre a formação histórica do Ocidente. Já o chamativo, mas intraduzível, título, se vale de anedótico trocadilho para enfatizar o que deve ser visto como uma das resultantes mais bizarras da história mundial.

O termo inglês para ‘estranho’, ou ‘esquisito’ - *“weird”* - permitiu a invenção da sigla W.E.I.R.D. com as primeiras letras das palavras ‘Oeste’, ‘educado’, ‘industrializado’, ‘rico’ e ‘democrático’.

Muito úteis, então, para ressaltar a excentricidade dos cidadãos das atuais sociedades mais democráticas, mais educadas, mais industrializadas e mais ricas, em comparação aos indivíduos que pertencem aos inúmeros agrupamentos humanos não-ocidentalizados. São dos mais chocantes os contrastes comportamentais e cerebrais.

Todavia, tal comparação estática entre extremos não está à altura das elucidativas descrições analíticas de Henrich sobre os impactos de duas decisivas mudanças para a evolução social de um polo ao outro. No âmbito institucional, os incessantes regramentos - entre os séculos 5 e 12 - geradores do modelo de família hoje predominante no Ocidente. No psicológico, o incomensurável e revolucionário impacto da leitura, só coletivizada nos últimos quinhentos anos.

Entre 400 e 1200 DC, instituições fortemente baseadas no parentesco das muitas populações tradicionais da Europa foram paulatinamente degradadas, desmanteladas, e finalmente demolidas pelo ramo da cristandade que criou a Igreja Católica Romana.

Sobre as ruínas de tradicionais estruturas sociais, formaram-se novas associações voluntárias baseadas em interesses e crenças partilhadas, em vez de afiliações tribais e de parentesco. Com destaque para a progressiva derrota do sentimento de vergonha pelo de culpa. A gestação europeia do mundo moderno começou com a gradual criação de núcleos familiares monogâmicos e independentes.

Foi bem mais tardia a centelha inovadora necessária à generalização da leitura. Só brotou com a Reforma Protestante, a partir da obrigação de leitura da Bíblia imposta pela cisão aberta por Martinho Lutero, em 1517. Aos poucos, o cérebro humano foi radicalmente renovado por sete fortes alterações neurológicas, entre as quais a turbinagem do canal de conexão entre os dois hemisférios, o chamado “corpo caloso”.

Henrich procura mostrar como a evolução cultural, na esteira da crescente urbanização, também expandiu o cérebro coletivo da cristandade e alterou a mente das pessoas, catalisou inovações, reduziu a fertilidade e impulsionou o crescimento econômico.

Tais mudanças abriram gradualmente o fluxo de ideias, crenças, práticas e técnicas em uma extensa rede de mentes interconectadas e motivadas a produzir novos insights e desafiar velhas suposições. Isso ocorreu graças à alfabetização, à proliferação de sociedades científicas e ao alastramento de artesãos, acadêmicos e mercadores pelas cidades e vilas europeias.

Este cérebro coletivo em expansão gerou o Iluminismo, promoveu a Revolução Industrial e continua a impulsionar o crescimento econômico e o desenvolvimento em todo o mundo.

No plano teórico, a grande contribuição de Henrich está no esclarecimento da relação entre as dimensões culturais e biológicas da evolução humana.

Partindo originalmente da hipótese da “coevolução gene-cultura”, ele avançou para uma abordagem bem longínqua do ainda predominante equívoco de enxergar tão somente a dimensão genética da hereditariedade, ignorando-se as contribuições evolucionárias da epigenética, dos comportamentos entre todos os animais, e também dos símbolos entre os humanos.

O autor não opõe explicações “evolutivas” ou “biológicas”, àquelas baseadas no “aprendizado” ou na “socialização”. Em vez disso, enfatiza a centralidade da cultura mediante concepção evolutiva expandida. Procura explicar como a seleção natural moldou nossos cérebros de primatas para nos permitir aprender, de forma mais eficaz, as ideias, crenças, valores, motivações e práticas de que precisamos para sobreviver e prosperar em qualquer nicho ecológico e nos ambientes sociais que criamos.

Em vez de citações de passagens brilhantes, ou condenações ideológicas, este livro clama é por implacáveis escrutínios dos historiadores, economistas e antropólogos. Como enfatizou o filósofo Daniel C. Dennet, em resenha para o *New York Times*, será “fascinante” acompanhar tão bem-vindas auditorias.

José Eli da Veiga é professor sênior do Instituto de Estudos Avançados da USP e mantém o site www.zeeli.pro.br
